

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

THAÍS DE JESUS LUQUESI

DOCUMENTÁRIO:

SUSTENTABILIDADE:

a arte de resgatar o simples

Bauru
2010

DOCUMENTÁRIO:
SUSTENTABILIDADE:
a arte de resgatar o simples

Projeto Experimental apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Orientadora Prof^ª. Ass. Adriana Cardoso Nogueira

Bauru
2010

DOCUMENTÁRIO:
SUSTENTABILIDADE:
a arte de resgatar o simples

por

Thaís de Jesus Luquesi

Projeto Experimental de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para formação no curso Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, sob orientação da Prof^a. Ass. Adriana Cardoso Nogueira.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ass. Adriana Cardoso Nogueira
FAAC/UNESP-Bauru - Orientadora

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente
FAAC/UNESP-Bauru

Ricardo Soares
Documentarista, Diretor de TV, Escritor e Jornalista

DEDICATÓRIA

Dedico a minha mãe que sempre me ensinou a acreditar nos meus sonhos, mesmo que eles fossem quase impossíveis. Sem esse ensinamento, jamais teria conseguido realizar esse documentário e cumprir essa importante etapa da minha vida. Este trabalho fala essencialmente daquilo que ela sempre me dedicou: amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Meishu-Sama pela permissão de fazer este trabalho. Agradeço também a todas as pessoas que foram entrevistadas no documentário por me darem a oportunidade de conhecê-las e por me proporcionarem um grande aprendizado de vida. Agradeço a minha família pelo apoio incondicional: a minha irmã, Cintia, por sempre ajudar a criar soluções para todos os problemas e também, claro, por ter segurado o *boom* durante algumas gravações; a minha mãe por me incentivar, por acreditar no meu trabalho e ajudar a financiar os meus devaneios; ao meu irmão Guilherme; a minha afilhada, Maria Eduarda, fonte de inspiração em muitos momentos e ao meu cunhado, Edison, pela ajuda constante e, principalmente, por ter aprendido a mexer na câmera para virar cinegrafista por um dia.

Agradeço a Mariana e ao Rodrigo que, na última hora, me socorreram abrindo mão de um feriado para fazer as gravações. Agradeço ao Marcelo que dedicou três noites incansáveis na edição e foi fundamental para dar mais profissionalismo ao produto.

Agradeço aos *brainstorms* em casa, à Fernanda pela delicadeza e força que me passou; ao Felipe pelas dicas, apoio e por ter colaborado nas gravações. Agradeço a Adriana pela orientação.

Agradeço a todos os funcionários da Korin: Demattê, Cecília, Isamu, Leikka, Sérgio, Kauê e todos que me receberam e proporcionaram três dias intensos de gravações.

Fazer o documentário foi um desafio a cada etapa. Agradeço a todas as pessoas que me deram força e que ajudaram a transformar essa idéia em realidade. Não foi fácil em nenhum momento, mas valeu a pena.

Obrigada a todas as pessoas que acreditaram no meu potencial e que de alguma forma me incentivaram.

RESUMO

Este trabalho pretende chamar a atenção para a relevância das ações sustentáveis no planeta sob a ótica da Agricultura Natural e das Ecovilas. Levando em conta a recorrência do tema sustentabilidade nos meios midiáticos, o documentário será uma oportunidade de abordar o assunto de uma forma prática, mostrando os resultados reais das ações sustentáveis e suas implicações no dia a dia. A escolha do formato documentário é uma maneira de socializar e ampliar o debate de temas como: Agricultura Natural, Bioconstrução e Permacultura. Para isso, será apresentado o trabalho de uma empresa de Orgânicos, pioneira no Brasil e na América Latina, e uma comunidade ecológica em construção, ambas no estado de São Paulo. O trabalho vai possibilitar uma nova visão, mais abrangente, sobre o termo sustentável.

Palavras chaves

Sustentabilidade – Permacultura – Agricultura Natural – Ecovilas – Documentário

ABSTRACT

This research means to acclaim all the people to understanding the importance of sustainable actions from the point of view of natural farming and the eco-regions. Considering all the discussion about sustainability nowadays, the documentary will be an opportunity to present this subject in a practice way, showing the real results daily. The reason to do a documentary format is to show some sustainable actions, socializing and discussing themes like Natural Framing, Bioconstruction and Permaculture. This will display the work of a firm Organic, a pioneer in Brazil and Latin America, and an ecological community under construction, both in São Paulo. The work will enable a new more comprehensive view about sustainable.

Keywords

Sustainability – Permaculture – Nature Farming – Ecovillage – Documentary

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DOCUMENTÁRIO.....	10
3. SUSTENTABILIDADE.....	17
3.1. PERMACULTURA.....	18
3.2. ECOVILA.....	19
3.2.1. CLAREANDO.....	20
3.3. AGRICULTURA NATURAL.....	22
3.3.1. KORIN.....	24
4. DESENVOLVIMENTO.....	26
4.1. GRAVAÇÕES.....	28
4.2. ROTEIRO.....	33
4.3. SUPERAÇÕES.....	52
5. O PRODUTO.....	53
6. CRONOGRAMA.....	54
7. INVESTIMENTO.....	55
8. FICHA TÉCNICA.....	56
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

A inquietação que deu origem a esse trabalho nasceu antes mesmo de eu ingressar na graduação, foi quando fui tomando consciência do espaço em que vivemos e daquilo que nos cerca. Fui entendendo que não estamos sozinhos no Planeta e, muito menos, que somos autossuficientes. Papo de ambientalista? Não. Compreendi que o universo só gira em harmonia, quando existe sincronia entre os seres que vivem na Terra e esse equilíbrio, querendo ou não, influencia o nosso dia-a-dia de forma pragmática.

Sob um ponto de vista mais *sobrenatural*, esse meu despertar para a questão ambiental pode se explicar por eu ter nascido justamente no ano em que foi publicado o *Nosso Futuro Comum*¹, em 1987. Tratava-se de um relatório feito por uma comissão da ONU que, pela primeira vez, chamava oficialmente a atenção do mundo para uma questão pontual: a “insustentabilidade” do desenvolvimento humano e fazia um alerta para as crises ambientais. Foi esse novo olhar do mundo, que fez com que a década de 1990 fosse turbilhada pelo *boom* ambiental.

Se a moda ecológica ditou as duas últimas décadas, ou se foram estes anos que ditaram a moda, não sei, fato é que grandes e pequenas catástrofes ambientais se disseminam a todo o momento pelo planeta: terremotos, tsunamis, escassez de alimento, de água etc. E esse desequilíbrio constante acaba originando crises sociais, econômicas e políticas. Portanto, não dá para ignorar que o *meio ambiente* – aquele que todo ambientalista insiste em defender – não é só a floresta ou oceano distante, é também a nossa casa, o nosso bairro, é de onde vem a nossa comida, o nosso lazer, o nosso trabalho e, por isso, é preciso agir ou ao menos pensar a fundo sobre o assunto.

Nesse contexto, cada um acaba dando a sua contribuição, seja com ações sustentáveis ou mesmo contestando os ambientalistas e fazendo com que estes fiquem cada vez mais aguçados em provar as mudanças no Planeta decorrentes da ação humana. Eu, então, resolvi dar a minha contribuição e produzir o documentário: *Sustentabilidade: a arte de resgatar o simples*.

¹ Nosso Futuro Comum (Our Common Future), conhecido também como Relatório Brundtland, é o documento publicado em 1987 elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Ele faz parte de uma série de iniciativas, anteriores à Agenda 21, as quais reafirmam uma visão crítica do modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e reproduzido pelas nações em desenvolvimento.

Bill Nichols² defende que os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que precisam de atenção e colocam diante do público questões sociais, apresenta problemas recorrentes e também possíveis soluções. Não vejo questão mais oportuna e merecedora de atenção que essa: a sustentabilidade. O objetivo desse trabalho é promover a idéia da sustentabilidade como uma prática simples e acessível, e ajudar a acrescentar uma nova perspectiva sobre o tema.

O documentário não é uma tentativa de convencer o público que os problemas ambientais são grandes e irreversíveis, pois, isso suponho que muitos já saibam. Tem, em contrapartida, a intenção de divulgar algumas ações que vêm dando bons frutos no estado de São Paulo com práticas fundamentais da vida humana: a Alimentação, as Relações Sociais e a Construção Civil.

Comer, relacionar-se e morar são ações básicas na vida das pessoas, mas acarretam em danos ao meio ambiente. O cultivo com agrotóxicos danifica toda a cadeia produtiva; a construção civil é campeã em poluição ambiental, é o maior consumidor de recursos naturais do mundo, gerando, aproximadamente, 60% de todo o lixo urbano de uma cidade e, por fim, as relações sociais estão cada vez mais frágeis: a sociedade de hoje parece que “esqueceu” de como se relacionar com o vizinho. Para pensar em sustentabilidade, é preciso pensar em comunidade e isso requer, além de inúmeras ações ambientais, um convívio saudável com os indivíduos ao redor.

Esse trabalho vai relacionar três temas – alimentação, convívio e construção – intrínsecos à vida em sociedade. No documentário será mostrada a ação de pessoas comuns que decidiram mudar de vida, ou tiveram suas vidas mudadas, por perceberem que o modelo da sociedade atual não se sustenta mais. Vai mostrar pessoas que acreditaram numa filosofia e conseguiram consolidar um empresa de alimentos orgânicos, hoje, uma das mais importantes do país e da América Latina. E, além disso, pretende mostrar que a sustentabilidade não está só relacionada com o meio ambiente, mas principalmente com as relações sociais, com os afetos entre as pessoas. Os espectadores vão conhecer como esses indivíduos, preocupados com o futuro, vivem e se relacionam com o mundo e, também, poderão entender a grandeza e simplicidade de se implantar um novo modelo de sociedade.

² Bill Nichols é professor de cinema na *San Francisco State University* e responsável pelo programa de pós-graduação em Estudos Cinematográficos. Tem inúmeros livros publicados sobre o tema, entre eles: *Introduction to documentary*, em 2001.

2. DOCUMENTÁRIO

A definição de documentário gera inúmeras reflexões e não há um consenso absoluto sobre o termo. Vale lembrar que a palavra documentário está relacionada a registros documentais, ou seja, tem grande ligação com os fatos reais. No entanto, há muitos documentários que se aproximam da ficção, o que torna quase impossível uma definição única e precisa do gênero. Sabe-se que essas obras trabalham com imagens e sons, que são os registros visuais e sonoros de alguma realidade, e muitas vezes, utilizam-se de recursos artísticos para transmitir emoções. Sobre a definição do termo, Bill Nichols defende antes de tudo que:

Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentários de desejos e (2) documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes. (NICHOLS, 2005, p. 26)

Sendo assim, o que ajuda a caracterizar o documentário é seu caráter mais próximo da realidade, principalmente pelos locais onde são realizadas as filmagens – o mesmo ambiente onde os fatos reais aconteceram. Mas ele não é apenas um registro documental de um acontecimento, é, principalmente, a visão do documentarista sobre aquela realidade. De acordo com Nichols, documentário não é a *reprodução* da realidade, mas a *representação* do mundo em que vivemos. Ele “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares.” (NICHOLS, 2005, p. 47).

Durante as gravações desse documentário, todas as imagens registradas foram de lugares reais e de pessoas reais – “não-atores”, configurando, portanto, um registro documental das ações mostradas. Nada foi montado ou ensaiado. No entanto, é perceptível que o diretor escolheu algumas cenas ou imagens, em detrimento de outras, por dois motivos simples: não é possível registrar todos os momentos, por questões técnicas e de logística, e porque o diretor acaba escolhendo, consciente ou inconscientemente, as ações a serem registradas para formar a peça documental que ele tem em mente, ou que vai sendo apresentada durante o processo.

Geralmente entendemos e reconhecemos que um documentário é um *tratamento criativo* da realidade, não uma transcrição fiel dela... Eles reúnem provas e, em seguida, utilizam-na para construir sua própria perspectiva ou argumento sobre o mundo, sua própria resposta poética ou retórica para o mundo. ((NICHOLS, 2005, p. 68)

Querendo ou não, o documentário acaba sendo a visão do autor sobre o acontecimento e suas experiências anteriores interferem nesse processo. Exemplo disso é que, durante as gravações, minhas perguntas eram orientadas pelo meu conhecimento do assunto e pela curiosidade daquilo que eu encontrava e descobria. Meu repertório acabou, portanto, conduzindo as entrevistas e, por meio delas, também, fui descobrindo outras histórias e fazendo outros recortes. Esses recortes levaram, então, a um ponto de vista sobre o tema. Nichols define bem essa questão:

Embora convidados a ver por nós mesmos, e a inferir o que ficou subentendido ou não foi dito, o que vemos não é uma reprodução do mundo, mas uma maneira de representação específica com uma perspectiva específica. A ideia de perspectiva, isto é, de uma lógica informativa e de uma organização, separa o documentário da simples filmagem ou dos registros fotográficos, em que essa ideia e perspectiva são mínimas... Uma vez inferida a perspectiva, sabemos que não nos defrontamos com réplicas do mundo histórico isentas de valores. Mesmo que a voz do filme adote a aparência de testemunha acrítica, imparcial, desinteressada ou objetiva, ela dá uma opinião sobre o mundo. (NICHOLS, 2005, p. 78).

O documentário não apenas reflete os eventos documentados na obra. O documentarista constrói, na verdade, uma interpretação dos fatos por ele apurados. A sua posição diante dos acontecimentos relatados é evidente. Cada plano, cada escolha de fala determina a posição do construtor da obra. Em última instância, o documentário é a exposição de um ponto de vista. “Se é um ponto de vista, então também é um filme interpretativo da realidade actual (e não só) que tem como objectivo informar, educar, persuadir e fornecer uma perspectiva sobre o mundo que nos rodeia” (SILVESTRE, 2004, p. 15).

Apesar das interferências do autor na realidade e sua opinião sobre os fatos, o que deve ser discutido sobre um documentário são as suas questões éticas. O quão fiel aos fatos foi o autor? Sua opinião interferiu no acontecimento a ser mostrado?

Chamamos de ética um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo. O corpo-a-corpo com o mundo – através da mediação da câmera, conforme se abre para o espectador e é por ele por ele determinado – sempre foi uma questão premente para o documentário. A ética compõe o horizonte a partir do qual cineasta e espectador debatem-se e estabelecem a sua interação, na experiência da imagem-câmera/som conforme constituída no corpo-a-corpo com o mundo, na circunstância da tomada... A ética do documentário tem em seu coração o embate com o mundo. (RAMOS, 2008, P. 33-34)

O que realmente difere o documentário do filme ficcional é o fato de se poder cobrar e analisar a sua dimensão ética. Ao assistir a um produto definido como documentário, a expectativa do público é com a similaridade com aspetos reais, mesmo que seja uma parte ou versão desses aspectos. Para Fernão Pessoa Ramos³ a versão de documentário deve ir além do *eticamente correto*, dessa forma ele aprofunda e valoriza mais a sua dimensão histórica. Fernão explica que, distanciando o documentário do status de *verdade*, o público tem a possibilidade de discutir sua crença com a voz que enuncia as asserções sobre o mundo no filme documental. Esse embate entre o público e o produto é fundamental, já que uma das principais intenções do documentário é provocar, aguçar o espectador para determinada realidade e fazê-lo refletir sobre determinado assunto.

No caso desse documentário, tenta-se apresentar alternativas possíveis para um novo modelo de construção civil, o ecológico. As imagens e entrevistas mostram a importância e a simplicidade desse método que é construir com barro, bambu, esterco ou areia, utilizando zero ou quase nada de cimento. Cabe ao público refletir se isso realmente funciona como é mostrado no documentário. Seguindo essa linha, outros temas apresentados no trabalho colocam em xeque grande parte dos conceitos enraizados na sociedade atual, por exemplo: o verdadeiro custo de um produto orgânico e os reais gastos de uma casa ecológica.

Apesar da minha tentativa de apresentar todas essas práticas como soluções, cabe ao público, com seu repertório, apreender e digerir aquilo que foi mostrado e, então, entender como verdade ou ficção. Esta intenção de persuasão do documentário é definida por Nichols:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. (NICHOLS, 2005, p. 73)

A intenção em produzir este documentário foi entender e explicar o que são as ações sustentáveis na prática e como elas refletem na vida, no dia a dia das pessoas. Para Fernão Pessoa Ramos, “poderíamos dizer que o documentário pode ser definido pela intenção de seu autor em fazer um documentário, na medida em que essa intenção cabe em nosso entendimento do que ele se propõe.” (RAMOS, 2008, p.27). Quando vamos assistir a um documentário, ele já está intitulado como tal, aceitamos como um filme com asserções e postulados sobre o mundo dentro de um contexto diferente da narrativa convencional. O

³ Fernão Pessoa Ramos é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. É autor de livros sobre documentários e teoria do cinema, entre eles, o livro Mas afinal, O que é Documentário, de 2008.

público espera que o filme aborde a realidade de um fato, ou pelo menos uma de suas visões. “Como público, ao assistir a documentários, estamos especialmente atentos às formas pelas quais som e imagem testemunham a aparência e o som do mundo que compartilhamos.” (NICHOLS, 2005, p.65). Para isso, procurei mostrar, ao mesmo tempo, de maneira engajada e com certa distância (necessária), as situações e pessoas que eu encontrei nos lugares por onde passei. Isso não significa que as minhas impressões não estão presentes, pois em muitos lugares me envolvi e me emocionei, percebi que é inevitável não se envolver com aquilo que você está vivendo. De qualquer forma, tentei interferir o menos possível para que os espectadores possam vir a ter suas próprias impressões. Para Nichols, “os públicos vão ao encontro dos documentários com a expectativa de que o desejo de saber mais sobre o mundo será satisfeito durante o correr da fita” (NICHOLS, 2005, p.69).

Ainda segundo Bill Nichols, o filme documentário é construído sobre alguns pressupostos condicionantes. Além da visão do documentarista, há a influência clara da audiência. O espectador possui expectativas que, por vezes, acabam determinando as escolhas do autor. Além de a audiência esperar, quase sempre, a maior verossimilhança possível entre o filme e a realidade, conforme citado anteriormente, ela também espera que haja uma informação nova e relevante, contendo, assim, o elemento educacional. Outra questão a se considerar é a composição do produto: estrutura, edição, som, imagem. Existem diferentes formas de aplicação destes elementos para sustentar o argumento proposto no filme. E, mais uma vez, está posta a importância do documentarista na forma de aplicar os diversos recursos técnicos possíveis.

Outros recursos utilizados no documentário são apontados por Nichols como básicos:

Os filmes que compõem a tradição do documentário são uma outra maneira de definir o gênero... Há normas e convenções que entram em ação no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. (NICHOLS, 2005, p. 54)

Nichols apontou uma relação importante presente no documentário entre: o cineasta, o tema e o público. Quando estas três partes são analisadas com a sua devida abrangência e interrelação é possível chegar mais perto da intenção do filme. É pontual perceber a relação do cineasta com o tema e a reação desejada do público. É o ponto de vista do cineasta sobre o tema que conduz o documentário e, muitas vezes, é esse ponto de vista que ele quer representar sobre a realidade de um determinado tema. Em *Sustentabilidade*, fica clara a

intenção de promover a idéia do *ecológico* como uma medida importante para melhora das relações entre as pessoas e seu meio e para uma mudança no mundo como um todo.

Existem alguns elementos recorrentes nos diversos tipos de filmes do gênero. Sempre está presente um argumento ou, no mínimo, uma hipótese a ser testada. “A lógica que organiza um documentário sustenta um argumento, uma afirmação ou uma alegação fundamental sobre o mundo histórico, o que dá ao gênero sua particularidade” (NICHOLS, 2007, p. 55). Desta forma, é comum a tentativa do documentarista de convencer o espectador sobre algo e influenciar sua visão de mundo. “Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos, nos documentários, pessoas, lugares, e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema” (NICHOLS, 2007, p. 28). Este poder retórico do recurso audiovisual basta, por vezes, para despertar a credulidade do receptor e facilitar a disseminação do conceito imposto pelo cineasta.

Para apresentar os temas do documentário, algumas vezes deparei com questões que eu já tinha conhecimento, por exemplo, o que é agricultura orgânica e natural. Mas senti a necessidade de perguntar suas definições aos entrevistados e mostrá-las. Em contrapartida, várias outras questões eu fui descobrindo durante o processo e as entrevistas, o que foi despertando a minha curiosidade para outros temas. Isso aconteceu porque não tive a possibilidade de visitar anteriormente os lugares nos quais eu iria gravar, o contato foi feito previamente por e-mail, telefone e internet. Então a todo o momento eu interagia com o inesperado.

Uma das grandes dificuldades para se produzir um documentário é o uso de pessoas reais ou não-atores. Uma das riquezas da narrativa documental é conseguir reproduzir a naturalidade das personagens reais, seu cotidiano dentro de determinada realidade e como esse indivíduo interage com o meio. “As pessoas são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida maí os ou menos como fariam sem a presença da câmera.” (NICHOLS, 2005, p. 31). No entanto, capturar essa essência é o que há de mais difícil, torna o processo do documentário mais complicado que o filme de ficção. A presença da câmera e do cineasta pode provocar efeitos no comportamento dos entrevistados, podendo ser responsável pela inserção de ficção no filme.

Durante as gravações de *Sustentabilidade*, a todo o momento enfrentava problemas com o efeito que a presença da câmera causava nas pessoas, a ponto de eu pedir para a produção, entrar nos lugares já gravando para não preparar os entrevistados da gravação e,

assim, tentar registrar a naturalidade de suas ações e falas. Mas com algumas esse método também não foi eficiente. Para conseguir, por exemplo, a entrevista com o funcionário da Korin, o Kauê, tive que ter uma extensa conversa durante quase meia hora, para que eu definisse o tema que seria abordado e as possíveis perguntas, essa era a condição que ele me impôs. Só com essa conversa ele permitiu que ligássemos a câmera e o filmasse, com isso, algumas explicações que eu achei mais claras na primeira conversa, ficaram “tratadas” diante da câmera, tive a impressão de um texto mais rebuscado, mais formal.

Modos de Documentário:

Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao documentário*, dividiu os filmes documentários em seis modos:

- Modo poético - Enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal;
- Modo expositivo - Enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa (noticiários de TV);
- Modo observativo - Engajamento direto no cotidiano das pessoas, com uma câmera discreta;
- Modo reflexivo - Questiona as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça a consciência da construção da realidade feita pelo filme;
- Modo performático - Enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do cineasta com o tema e a receptividade do público. Rejeita idéias de objetividade. Filmes experimentais, pessoais e de vanguarda. Reality shows encaixam-se aqui também;
- Modo participativo - Interação de cineasta e tema. Uso de entrevistas e imagens de arquivo.

De qualquer forma, nenhum dos modos sozinho dá conta de definir, por completo, um documentário. Uma peça pode conter características de mais de uma definição e, portanto, esses modelos, definidos por Nichols, interagem entre si prevalecendo um mais que os outros. *Sustentabilidade* está mais próximo do modo participativo, há bastante uso de entrevistas, a todo o momento alguém explica algo e apresenta algum tema, quase sempre durante uma entrevista. Durante o documentário também, existe, certa interação minha com as ações. Fui convidada pelas pessoas a participar da dança circular na ecovila e dancei parte das músicas e,

além disso, eu apareço em algumas entrevistas fazendo perguntas ou apenas acompanhando o entrevistado. Apareço também cumprimentando as pessoas e entrando nos locais, recurso comum utilizado em documentários para mostrar que tem uma produção atrás daquelas imagens, que existe alguém conduzindo tudo aquilo.

Além da prevalência do modo participativo no documentário, é possível perceber que há, também, um tom observativo. Estamos entrando no cotidiano daquelas pessoas, eles plantam o jardim, comem e cantam independente da nossa presença. As músicas que a comunidade canta e toca parecem fluir normalmente com ou sem a presença da câmera. Em todo o momento que as músicas são tocadas, elas acontecem espontaneamente, como algo comum daquelas pessoas. A câmera, muitas vezes, foi ligada depois deles terem começado a cantar e nesse momento, ela parecia apenas observar o comportamento da comunidade. Esses momentos observativos foram importantes para capturar a comunidade e as pessoas como elas são. O objetivo foi tentar mostrar as ações com certo distanciamento. De qualquer forma, as imagens registradas das ações podem mostrar muito além do que se pretende e é o que com frequência acontece, como no documentário de Frederick Wiseman:

Hospital (1970), de Frederick Wiseman, por exemplo, observa uma série de encontros entre pacientes e funcionários num hospital geral urbano (o Metropolitan Hospital de Nova York), mas equivale a mais do que um relato informativo ou instrutivo acerca do funcionamento desse hospital. O filme torna-se uma representação, ou uma perspectiva, de como os hospitais funcionam. (NICHOLS, 2005, p. 98)

Esses efeitos provocados pela grandeza ou complexidade de uma imagem também pode ser responsável pelo despertar de uma emoção. Mas esse despertar também pode ser induzido pelo diretor através de recursos sonoros ou cortes intencionais para produzir o humor desejado, colocando o público na disposição de ânimo correta e estabelecendo um estado de espírito favorável a um determinado ponto de vista.

No caso de *Sustentabilidade*, pretende-se mostrar as imagens com certo distanciamento para que o espectador possa entender e sentir as emoções que forem afloradas ou não pelas imagens ali mostradas, sem muitos efeitos de edição ou inserção de trilhas sonoras. Pretende-se, então, fazer com que o próprio espaço e com que a sonoridade ambiente conduzam o espectador. Exemplo disso é o plano sequência do final do documentário, onde todos cantam na casa comunitária e não há interferência da edição.

Esse documentário procurou ser o mais fiel possível àquilo que foi registrado.

3. SUSTENTABILIDADE

O conceito de sustentabilidade começou a ser delineado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972⁴. Era a primeira conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e a primeira grande reunião internacional para discutir as atividades humanas em relação ao meio ambiente. Esse evento chamou a atenção especialmente para questões relacionadas com a degradação ambiental e a poluição que não se limita às fronteiras políticas, mas afeta países, regiões e povos, localizados muito além do seu ponto de origem. A Declaração de Estocolmo⁵ definiu princípios de preservação e melhoria do ambiente natural, destacando a necessidade de apoio financeiro e assistência técnica a comunidades e países mais pobres. Embora a expressão *desenvolvimento sustentável* ainda não fosse usada, a declaração já abordava a necessidade imperativa de "defender e melhorar o ambiente humano para as atuais e futuras gerações" (IN: Declaração de Estocolmo - <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/doc/estoc72.htm>, retirado do site em 08/11/2010).

A urgência de um mundo ecologicamente equilibrado e socialmente justo foi dando força à idéia de sustentabilidade e motivou a implantação da Agenda 21⁶, em 1992, pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como Rio-92⁷ ou Eco-92, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1992. A Conferência abriu discussão para aquilo que fora chamado a atenção no relatório de Brundtland – citado acima na *Introdução* – e consolidou o conceito de desenvolvimento sustentável. A Agenda 21 criou um amplo e abrangente programa de ação, visando à sustentabilidade global no século XXI e contou com assinatura de 179 governos que aceitaram adotar o programa.

⁴ A Conferência de Estocolmo foi realizada entre os dias 5 a 16 de junho de 1972 e organizada pela ONU, Organização das Nações Unidas. Foi a primeira conferência mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente com o objetivo de estabelecer uma visão global e princípios comuns para inspirar e orientar os povos do mundo na preservação e na melhoria do meio ambiente.

⁵ Declaração elaborada a partir da Conferência de Estocolmo com orientações sobre preservação e melhoria do meio ambiente.

⁶ Resultados da conferência Eco-92 ou Rio-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. É um documento que estabeleceu a importância de cada país a se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais.

⁷ Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro com o objetivo de buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Essa conferência consagrou o conceito: *desenvolvimento sustentável*.

O termo sustentabilidade é um conceito que visa basicamente suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas. Nesse contexto é possível perceber que a sustentabilidade não se restringe ao meio ambiente, ele possui apontamentos importantes sobre o meio social, político e econômico também. O seu princípio pode ser aplicado a um único empreendimento, a uma pequena comunidade (a exemplo das ecovilas) e até o planeta inteiro. Para que um empreendimento humano seja considerado sustentável, é preciso que seja: ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente aceito.

3.1. Permacultura

A Permacultura surgiu paralela à sustentabilidade, é um método holístico para planejar, atualizar e manter sistemas humanos ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis. O conceito foi criado pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren⁸ na década de 1970. Os princípios da Permacultura vêm da posição de Mollison de que a única decisão verdadeiramente ética é cada um tomar para si a responsabilidade de sua própria existência e da de seus filhos. A ênfase está na aplicação criativa dos princípios básicos da natureza, integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo, com estética e harmonia.

Sendo assim, a Permacultura dita os princípios da Agricultura Natural e vice e versa, pois essa prática agrícola é uma forma de cultivar sem destruir, respeitando a terra e o meio ambiente, produzindo alimentos saudáveis que visam a real saúde do ser humano.

No Brasil existem oito institutos de Permacultura:

- Ecocentro IPEC - Pirenópolis GO
- IPEMA - Ubatuba SP
- IPA - Manaus AM, IPB - Lauro de Freitas BA
- IPERS - Porto Alegre RS
- IPETERRAS - Irecê BA
- IPOEMA - Brasília DF
- OPA - Salvador BA

⁸ Bill Mollison (Austrália, 1928) é pesquisador, autor, cientista, professor, naturalista e é considerado o pai, junto a David Holmgren (Austrália, 1955), da Permacultura.

Há também várias comunidades espalhadas pelo país:

- São Francisco (SP)
- Vida de Clara Luz (SP)
- Moradia Ecológica (SP)
- Gralha Azul (SP)
- Arca Verde (RS)
- Asa Branca (DF)
- Bambu-a-pique
- Casa Colméia (SC)
- Casa da Montanha (SC)
- Curupira (SC)
- Kilombo Tenondé (BA)
- Marizá (BA)
- Morada Natural (MG)
- Raízes (SC)
- Sete Eco's (MG)
- Sete Lombas (SC)
- Terra Una (MG)
- Tibá (RJ)
- Vagalume (SC)
- Vila Nova do Alagamar (CE)

3.2. Ecovilas

O movimento de ecovilas emergiu sob o mesmo impulso da sustentabilidade e manifesta a essência das mais recentes conferências das Nações Unidas. As ecovilas são comunidades de 50 a 2000 pessoas, unidas por um propósito comum que pode variar de local para local e é chamado de “cola”.

Elas definem o conceito de sustentabilidade, pois incorporam aspectos ambientais, sociais, econômicos e espirituais. Os compromissos dessas comunidades são diversos, entre eles: a produção local de alimentos orgânicos; utilização de sistemas de energias renováveis,

construção ecológica, ou bioconstrução; criação de esquemas de apoio social e familiar, incluindo diversidade cultural e celebrações; experiência com novos processos de tomada de decisão, utilizando técnicas de democracia profunda e facilitação de conflitos; economia auto-sustentável; saúde integrada e educação holística.

São agrupamentos humanos que buscam basicamente a sustentabilidade e o baixo impacto ambiental, é um planejamento de ocupação de uma área onde irão morar várias famílias com um mínimo de impacto possível e com convivência social e trabalhos comunitários. Habitações autossustentáveis são um paradigma da arquitetura do novo milênio, onde os assentamentos populares irão consumir menos energia elétrica, reciclar seu dejetos, economizar água com reciclagens de esgoto e captação de água de chuva. O desenvolvimento habitacional hoje em dia provoca grande impacto ambiental, ao mesmo tempo em que, sobrecarrega o sistema de fornecimento de produtos básicos municipais como o abastecimento de água, emissão de esgoto, lixo e consumo elétrico. As ecovilas surgiram da ideia de que se não for adotada uma política de sustentabilidade nas cidades, elas entraram em colapso.

Para conseguir criar assentamentos ecológicos é preciso realizar uma mudança dentro de si, a partir desta transformação individual, é que é possível transformar o bairro, a cidade ou o país. Para construir um mundo em harmonia com a natureza, é necessário resgatar antigas técnicas que, aliadas às novas tecnologias, visam à sustentabilidade e o baixo impacto ambiental.

3.2.1. Clareando

A Ecovila Clareando, que ainda está em processo de formação, é condomínio rural, localizado na Serra da Mantiqueira, entre as cidades de Piracaia e Joanópolis, a 100 km da cidade de São Paulo. A Clareando está localizada numa área de preservação ambiental, entre vales e montanhas da Mata Atlântica e reúne pessoas com o objetivo de viver em harmonia com a natureza, utilizando os recursos naturais de forma sustentável. A cola da comunidade é a Agenda 21 e são utilizados os padrões definidos pela Rio-92 para a construção e desenvolvimento de Ecovilas.

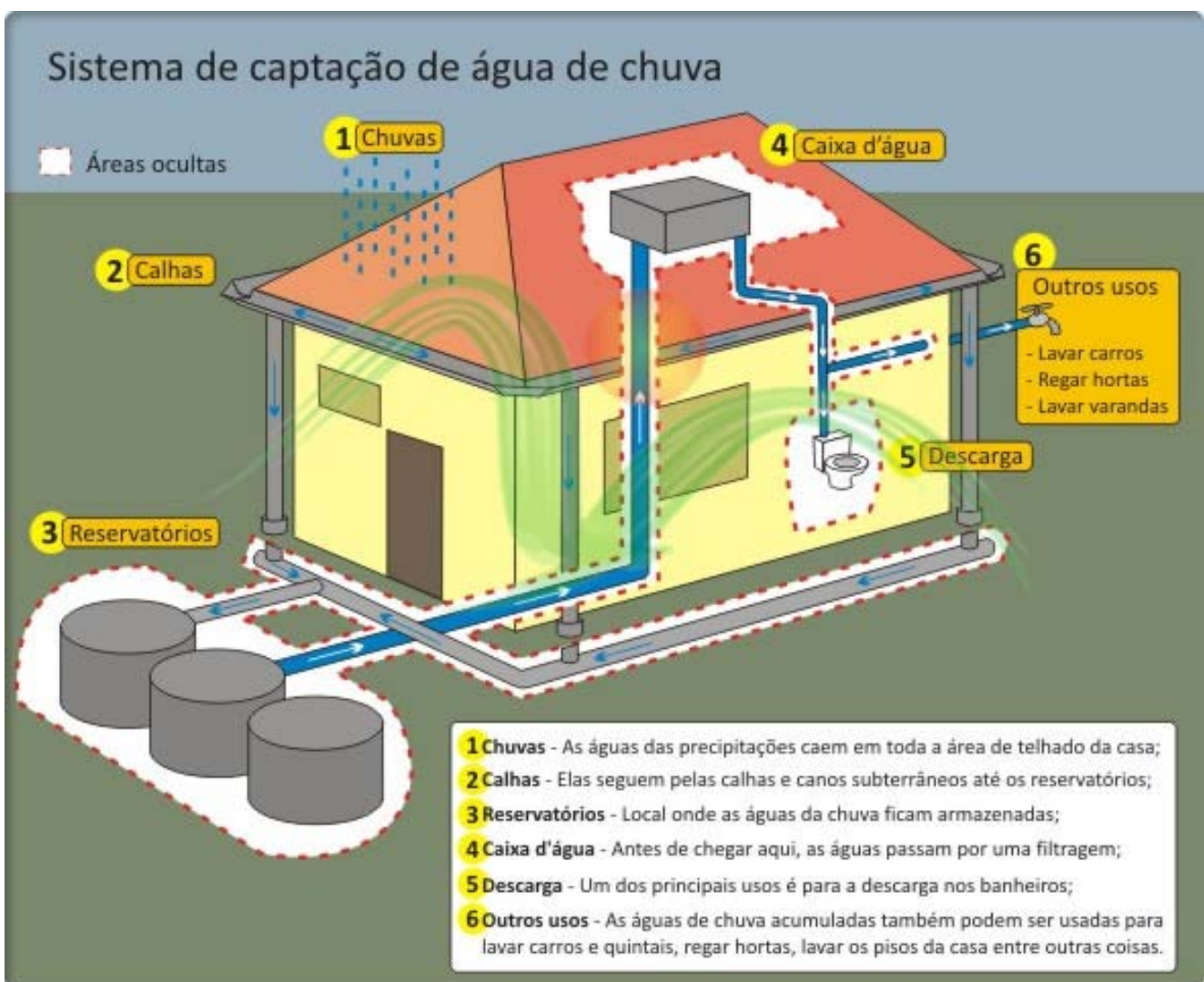
Numa ecovila existem várias regras a serem seguidas, no caso da Clareando algumas básicas estão listadas aqui:

- Produção local de alimentos orgânicos / biodinâmicos;

- Utilização de sistemas de energias renováveis, cataventos, biodigestores, etc;
- Construção ecológica, tijolos de solocimento, bambu, etc;
- Criação de esquemas de apoio social e familiar, incluindo diversidade cultural e celebrações, danças circulares, etc;
- Experiência com novos processos de tomada de decisão, utilizando técnicas de democracia profunda e facilitação de conflitos;
- Economia auto-sustentável, baseada nos conceitos de localização e simplicidade voluntária;
- Saúde integrada;
- Educação holística baseada na percepção sistêmica.

Como exemplo de ação sustentável, segue o esquema de abastecimento de água de uma casa, no qual a água das chuvas é armazenada e utilizada para atividades diversas:

Foto retirada do site: www.clareando.com.br no dia 07/11/2010



Os idealizadores da ecovila Clareando são a advogada Sandra Mantelli e o engenheiro agrônomo Edson Hiroshi. O terreno foi comprado por eles e hoje é vendido para quem tiver interesse em viver na comunidade, mas existem inúmeras regras a serem seguidas, desde a construção até a convivência. Os lotes têm de 1.000 m² a 1.400 m² e o preço médio é de R\$ 45,00 o metro quadrado incluído a infra-estrutura: ruas com guias e sarjetas, luz, água, entre outros, considerando que ao lote individual se agregam as áreas comuns do loteamento.

Além de todo o mote ambientalista que é fundamental na ecovila, a Clareando tem um diferencial, a convivência entre as pessoas. Segundo os moradores, cada ecovila costuma ter um líder espiritual ou algum objetivo em comum mais específico, como por exemplo, o vegetarianismo, ou a crença em determinada religião. A ecovila Clareando, entretanto, é formada por pessoas diferentes, cada uma de uma religião diferente, de lugares diferentes, com expectativas diferentes. Com isso, o maior desafio para eles é tornar a convivência harmônica. É importante celebrar o culto de todos, então eles meditam com os budistas, rezam com os católicos e assim por diante. Hiroshi é vegetariano, mas na casa dos outros come o que lhes oferecerem, mesmo que seja carne, para ele, isso é importante quando se vive em comunidade.

Depois de algum tempo de convivência, eles explicam que já identificaram inúmeras dificuldades nessa convivência, mas que o diferencial é que estão todos dispostos a dar certo, então essa será a maior contribuição criada por essa comunidade: o convívio social.

3.3. Agricultura Natural

Ao abordar o tema da Permacultura, é imprescindível entender a Agricultura Natural. Esta prática foi idealizada na década de 30 pelo filósofo Mokiti Okada⁹, que ao analisar o método agrícola convencional, manifestou uma profunda preocupação com o emprego excessivo de agroquímicos no solo e questionou os "bons resultados" obtidos pelo uso indiscriminado de agrotóxicos, que têm caráter passageiro e acarretam graves conseqüências ao meio ambiente e ao ser humano.

Esse cultivo visa basicamente produzir respeitando as leis da natureza e produzindo alimentos verdadeiramente saudáveis. Diferentemente dos métodos convencional, o método

⁹ Mokiti Okada (Japão, 1882-1955) criou o método de Agricultura Natural. Ele realizou estudos sobre diversas áreas do conhecimento humano, como política, medicina, educação, filosofia, economia, entre outras, mas, sobretudo, dedicou-se ao estudo da religião, das artes e da agricultura, apresentando propostas viáveis para um desenvolvimento social integrado. Toda sua filosofia foi estabelecida com base nas Leis da Natureza.

da Agricultura Natural não emprega produtos químicos ou esterco animal, e sim faz uso de sobras de vegetais, que conservam a pureza do solo e permitem a reciclagem dos nutrientes para o desenvolvimento das plantas. Além dos aspectos que envolvem saúde e ecologia, o método de cultivo natural tem claras implicações econômicas e sociais.

O alimento natural é rico em nutrientes e possui a energia vital, necessária para alimentação do homem. Na filosofia de Mokiti Okada, o Homem veio gradualmente se afastando da Lei da Natureza, até promover o atual estágio de degradação do meio ambiente, em nível quase irreversível de destruição. O problema, acrescido do aumento populacional do planeta, dificilmente seria resolvido pela continuidade do método agrícola convencional.

Já em 1935, Mokiti Okada afirmava que “O método agrícola que negligencia o poder do solo, as plantações e a Natureza prejudica não somente o solo, mas todo o ambiente de cultivo, criando uma nova crise na humanidade” (OKADA, Mokiti, 2003). A filosofia de Mokiti Okada, que preconiza a identidade espírito e matéria, defende a tese de que o espírito é inerente, não somente aos seres humanos, mas aos animais, aos vegetais, enfim, a todos os seres. Sendo o solo o maior organismo vivo do planeta, é de se considerar a importância do respeito que se deve ter a ele para a preservação da vida humana. Essa é a razão por que a Agricultura Natural centra, nele, a base de seu trabalho.

A proposta de Mokiti Okada para a nova agricultura não representa simplesmente o aperfeiçoamento de algumas técnicas atuais de cultivo. Trata-se de uma verdadeira “revolução agrícola”, considerando-se o pilar sobre o qual se desenvolve o seu pensamento. Segundo Mokiti Okada, nada poderia existir no Universo sem os benefícios da Natureza, ou seja, nada nasceria nem se desenvolveria sem os três elementos básicos: o Fogo, a Água e a Terra.

O poder fundamental do desenvolvimento das plantas corresponde ao elemento Terra; os elementos Água e Fogo têm um poder de atuação secundário. Conseqüentemente, dependendo da qualidade do próprio solo, tem-se o resultado bom ou ruim da planta, de modo que, no caso do cultivo, a condição principal é melhorar, ao máximo, a qualidade do solo.

O atual excesso de alimentos contaminados por agrotóxicos lançados nas plantas e no solo tem resultado no aumento crescente de doenças, o que contribui para a elevação do índice de pobreza e de conflitos na vida humana. Isso requer uma responsabilidade para a produção e o abastecimento de alimentos verdadeiramente saudáveis, indispensáveis para a criação de uma sociedade saudável, próspera e pacífica.

Hoje, sabe-se que utilizando corretamente as forças e a energia da Natureza, é possível obtenção de uma produção suficiente, com colheitas abundantes, saudáveis, saborosas e nutritivas, sem a necessidade do uso de fertilizantes químicos ou biocidas.

Assim, através de criteriosas pesquisas, a Agricultura Natural visa restabelecer o estado natural de produção de alimentos e é desenvolvida seguindo-se um sistema técnico capaz de alcançar os objetivos do método, que são:

- Produzir alimentos que incrementem cada vez mais a saúde do homem.
- Ser econômica e espiritualmente vantajosa, tanto para o produtor como para o consumidor.
- Poder ser praticada por qualquer pessoa e, além disso, ter caráter permanente.
- Respeitar a Natureza e conservá-la.
- Garantir alimentação para toda humanidade, independente de seu crescimento demográfico.

3.3.1. Korin

A *Korin Agricultura Natural* é uma empresa brasileira criada dentro da filosofia da Agricultura Natural preconizada por Mokiti Okada. Está há 16 anos no mercado e é pioneira no país no setor Natural e Orgânico. É a única empresa que fabrica o Frango Verde no país. O Frango Verde é criado por um método alternativo, visando o bem-estar animal, sem a utilização de promotores de crescimento ou antibióticos e as aves recebem a ração natural ou orgânica, ou seja, seu alimento não contém agrotóxicos.

Existem dois pólos de produção, o de Agricultura Natural fica em Atibaia – terra do morango – a 68 km de São Paulo. E o pólo de Pecuária e o Centro de Pesquisa ficam em Ipeúna, a 200 km da capital, próximo a Rio Claro.

A Korin desenvolve inúmeras atividades dentro da ótica sustentável, desde agricultura até atividades de ensino nas escolas, é uma empresa em constante crescimento e expansão nessa área. As atividades da empresa que nos interessam nesse trabalho são: a Agricultura Natural, a Pecuária Natural e as tecnologias desenvolvidas nesse setor.

Em parceria com o Centro de Pesquisa Mokiti Okada, a Korin mantém um programa de investimento em pesquisas para desenvolvimento da Agricultura Natural. São feitas pesquisas para o manejo de aves e a produção de hortifrutigranjeiros (frutas, verduras, legumes e ovos) naturais, sem a utilização de agrotóxicos ou adubação química.

A Korin ganhou o prêmio Empreendedor Brasil 2008 na categoria Pioneirismo e Empreendedorismo, ela é modelo de empresa sustentável no país e já chegou a exportar

produtos para vários países da Europa e Japão. No Brasil, seus produtos são comercializados em grandes supermercados como Pão de Açúcar, algumas unidades do Wall Mart e mercados orgânicos.

4. DESENVOLVIMENTO

Conheci a Agricultura Natural com 15 anos, na época em que estudava a filosofia de Mokiti Okada e me fascinei pelo trabalho. Mas foi durante uma oficina de jornalismo sobre meio ambiente, no final de 2009, que comecei a despertar para a idéia de divulgar a prática. Depois alguns meses, conheci o movimento das ecovilas e a Permacultura e percebi que eram movimentos que cresciam paralelamente e que tinham intrínseca relação. Fui percebendo que grande parte das pessoas não conhecia as duas práticas, poucos sabiam que em São Paulo nascia uma ecovila a poucos quilômetros da capital e que muitos estudiosos começavam a se voltar a ela. Poucos tinham conhecimento também que na cidade ao lado desta ecovila, se consolidava uma das maiores empresas de alimento orgânico do país e da América Latina.

Resolvi, então, divulgá-las. Pensei numa outra forma de promover a consciência sustentável: em vez de mostrar o que tem dado errado – porque isso, eu suponho que as pessoas já saibam –, pretendi apresentar aquilo que estava dando certo.

Além disso, a idéia surgiu de um interesse pessoal em conhecer melhor o tema. Da curiosidade em saber como vivem as pessoas em comunidade, como conseguem ser sustentável, o que elas comem, o que elas vestem, como é seu dia-a-dia etc. Fui motivada também pela curiosidade de saber como uma empresa de orgânicos consegue se manter nesse mercado que cresce 30% ao ano, mas ainda é pequeno. Como conciliar uma filosofia de respeito ao meio ambiente num setor que, de costume, só degrada a terra; como trabalham essas pessoas; qual é o real sabor e sentido desses alimentos? Queria conhecer as histórias dessas pessoas em busca de um mesmo ideal: um mundo melhor.

Como eu não tinha o contato direto com nenhuma dessas pessoas tentei encontrá-las por email e telefone. Na Korin foi rápido, obtive resposta em uma semana. O gerente geral da empresa, Luiz Demattê, informou que eles recebem pedidos semanais de acompanhamentos e trabalhos de conclusão de curso. Só na semana que eu pedi, havia cerca de cinco pedidos, e apenas o meu foi aceito na ocasião. Segundo ele, por se tratar de um trabalho diferente, já que ninguém havia solicitado para gravar um documentário antes.

Na Ecovila, em contrapartida, foi quase impossível conseguir o contato, mandei e-mail e “até hoje” não viram meu correio. Então fui descobrindo na internet o contato de outras pessoas que trabalhavam com Permacultura em São Paulo, liguei até para o conhecido de uma amiga que mora na cidade de Piracaia para saber se tinham o contato do Edson Hiroshi, o

fundador da ecovila Clareando. Nessa grande procura, depois de mais de um mês e de adquirir gastos enormes com o *Skype*, consegui encontrar uma moradora da ecovila que autorizou a minha visita na casa dela. Resolvi, então, arriscar e ir até a comunidade para tentar encontrar o Hiroshi.

Chegando lá tive grandes surpresas. Conheci a Rosana, que abriu as portas da sua casa para mim – a casa mais alta da ecovila, com uma vista privilegiada das montanhas e do pôr e nascer do sol –, ela foi extremamente solícita em me apresentar para os outros moradores e me levar até a casa do Hiroshi. Consegui, finalmente, encontrar o Hiroshi, ele estava dormindo, mas mesmo assim, me atendeu com grande receptividade. Conversando com ele entendi o porquê da dificuldade em fazer o contato: ele explicou que com toda sua experiência em Permacultura, ecovilas e agricultura orgânica, ele já deu entrevistas e fez trabalhos com inúmeras pessoas. Hoje, ele quer sossego, por isso não tem telefone, não tem email e disse para mim: “Quem quiser de verdade me encontrar, só vindo aqui”. Dei sorte, então, de adivinhar.

Nessa primeira visita à Ecovila, gravei pouca coisa e fui convidada a voltar duas semanas depois para a Festa da Primavera, reunião na qual quase todos estariam presentes – já que não são todos os membros que têm residência fixa ali e nem sempre estão na comunidade.

Primeira etapa cumprida, eu voltei a Bauru e, uma semana depois, fui à Atibaia, cidade vizinha de Piracaia, conhecer a parte de Agricultura Natural da Korin. Passei uma manhã e uma tarde gravando na empresa.

No dia seguinte, fui à Ipeúna de ônibus. Peguei o ônibus até Rio Claro, de lá, uma funcionária da Korin me buscou na rodoviária e levou até a empresa. Passei dois dias gravando no pólo de Ipeúna, já que lá é a sede da Korin e é um espaço muito maior, tanto de tamanho quanto de atividades.

Uma semana depois, voltei à Piracaia, na Ecovila, para gravar a Festa da Primavera. Passei um dia muito proveitoso com a comunidade. Conheci mais pessoas, mais casas e gravei momentos riquíssimos para o documentário.

O roteiro não estava totalmente definido durante as gravações, havia uma idéia geral do que se queria capturar. Isso possibilitou a gravação de várias ações, mas dificultou na hora da decupagem e, posteriormente, na edição. Foram 11 horas de fitas gravadas.

O roteiro não foi fechado, porque não foi possível visitar os lugares antes das gravações, por questões financeiras e de tempo. Por isso, era imprevisível saber o que iria encontrar para definir o que seria capturado. Eu ia lidar, portanto, com o inesperado durante as gravações.

Apesar disso, consegui gravar o que precisava no pouco tempo que tive em cada lugar (consegui me ausentar do trabalho só por alguns dias para fazer as gravações). De qualquer forma, em todos os lugares, fui muito bem recebida. Todos os dias de gravações foram intensos e cansativos, mas muito ricos.

4.1. Gravações

Diário de bordo:

Dia 05 de setembro

Ecovila Clareando – Primeiro Contato

Minha irmã e meu cunhado me levaram de carro até a comunidade que fica a 100 km da minha cidade, Guarulhos. Era o primeiro contato que eu fazia com a ecovila. Eu tinha apenas conversado por telefone com a Rosana, moradora, que me convidou para conhecer sua casa. Levei a câmera para aproveitar e filmar alguma coisa. Aproveitei também para pegar imagens do caminho e de placas, que seriam usadas na edição.

Chegando à casa de Rosana, fui muito bem recebida. Na casa estavam: ela, o marido e as duas filhas que estudam em outra cidade. Eles me mostraram a casa, me falaram sobre eles e sobre a ecovila. Aproveitei e gravei uma entrevista.

Em seguida, eles me levaram até a casa do Hiroshi, que estava dormindo quando chegamos. Apesar de ter sido acordado, ele nos atendeu muito bem e explicou que as pessoas não o encontram, porque ele não quer ser encontrado, por isso a minha dificuldade em conseguir fazer o contato. De qualquer forma, ele me deu mais de 30 minutos de entrevista contando sobre ele, sobre a ecovila e em seguida me mostrou a sua casa bem rapidinho porque já estava anoitecendo.

Ao cair da noite, ele nos levou até a Casa Clara, casa comunitária, onde as pessoas que não têm casa fixa ainda podem ficar por um tempo e é um local onde eles se reúnem até que fique pronto o espaço comunitário oficial. Lá conheci várias pessoas, a maioria jovens, alguns

em fase de mudança para a ecovila, outros ainda conhecendo a comunidade. Conversamos por um tempo, comemos bolo, tomamos café, cantamos juntos. Fomos embora antes do que gostaríamos, mas estava muito frio e minha sobrinha de dois anos, que tinha ido conosco, estava com febre.

As gravações desse dia, não ficaram muito boas, pois meu cunhado tinha aprendido a mexer na câmera filmadora um dia antes para me ajudar, pois não tinha outra pessoa para gravar. E como o objetivo era mesmo visitar a ecovila, me preocupei mais em conhecer as pessoas. Eu iria voltar depois para a Festa de Primavera que seria no dia 21 e 22 de setembro.

Dia 08 de setembro

Korin Atibaia

Meus cinegrafistas, Mariana e Rodrigo – alunos do segundo ano de Rádio e TV da UNESP –, chegaram em São Paulo pela manhã. Mariana tinha dormido em casa e acordamos às 6 h da manhã para buscar o Rodrigo no metrô Tucuruvi.

Minha tia foi quem nos levou até o pólo de Agricultura. Em 40 minutos estávamos lá, fomos recebidos pelo engenheiro agrônomo Isamu que passou o dia conosco.

Lá conheci a produção agrícola orgânica e natural – a diferença entre cultivo orgânico e natural é que o natural, além de não utilizar agrotóxico e fertilizante, não usa esterco, pois eles acreditam que o esterco tira a energia do solo; já o orgânico pode utilizar o esterco até que solo fique forte o suficiente para que o esterco também seja abolido e, então, a terra passa a produzir sem a necessidade de colocar nenhum insumo, tornando a produção natural.

Durante o dia, conheci também um produtor rural que cultivava morangos orgânicos. Conheci a produção, fui à casa da família, conversei com a mulher e o filho.

Almoçamos na empresa, comemos os alimentos naturais, entrevistamos a cozinheira que prepara a comida que nos contou emocionada o amor que ela coloca no preparo do alimento.

Na parte da tarde, conheci a fábrica de embalagem dos orgânicos. Vi todo o processo, desde a plantação até o produto pronto para a venda.

Por fim, entrevistei o gerente de negócios da empresa que me falou sobre vendas, preços, dificuldades de se colocar um produto orgânico no mercado e das cartas e emails que eles recebem com consumidores agradecidos com os benefícios do alimento orgânico.

No fim da tarde, minha tia nos levou de volta para minha casa, em Guarulhos, onde descansamos.

Dia 09 de setembro

Korin Ipeúna

No dia seguinte acordamos às 6h da manhã para seguir para o pólo de Pecuária e sede da Korin. A viagem foi para Ipeúna, só que dessa vez era de ônibus. Eu e os dois cinegrafistas fomos até o Terminal Rodoviário do Tietê e pegamos o ônibus com destino a Rio Claro. Em Rio Claro, a Leikka, funcionária da Korin, nos buscou de carro na rodoviária e nos levou até a Korin. Ela passou o dia conosco.

Logo pela manhã conheci a fábrica que produz ração orgânica para o frango verde da empresa – a Korin é a única empresa no Brasil a produzir o frango orgânico criado sem a utilização de antibióticos, promotores de crescimento e com ração orgânica. Em seguida, conheci a granja onde são criados os frangos. Lá eles têm uma área de pastejo, local aberto onde os frangos podem sair da granja em determinado momento do dia e ficam livres para “passear” e estar em contato com a natureza. Conversei com os granjeiros, veterinários e várias pessoas responsáveis pela criação do animal.

Conheci depois as galinhas de postura – que botam os ovos – criadas de forma alternativa também.

Almoçamos no refeitório da empresa, novamente com alimentos orgânicos.

À tarde fomos até o Mirante da propriedade e fizemos imagens panorâmicas da empresa e de todo o local, cheio de árvores e pássaros. Depois, a Leikka que estava nos acompanhando durante o dia, nos levou a Corumbataí, a 40 minutos de Ipeúna, na casa de um dos criadores integrados de frango orgânico. A Korin tem cerca de 100 produtores integrados de frango pela região, não são funcionários da empresa, mas criam o frango de acordo com os princípios orgânicos e de respeito ao animal e constantemente recebem auditorias e orientação dos funcionários da empresa. Os frangos desses produtores são abatidos posteriormente na fábrica da Korin e comprados pela empresa.

Após visitar a família, tomar café e conhecer a granja deles de 60 mil frangos, voltamos para Ipeúna.

Jantamos na empresa e eu e a Mariana, cinegrafista, dormimos na casa da Leikka, funcionária que nos acompanhou durante o dia. E o Rodrigo, o segundo cinegrafista, dormiu no alojamento masculino da Korin.

Dia 10 de setembro

Korin Ipeúna

No segundo e último dia de gravação em Ipeúna, acordamos por volta das 6h30 novamente. A Leikka nos levou de volta até a empresa onde encontramos com o Rodrigo.

Durante a manhã, participamos do abate dos frangos da família de Corumbataí. Gravamos todo o processo de abate do frango. Segundo a responsável pelo setor, o sistema de abate é parecido com o convencional, a diferença é que antes de abater as aves os funcionários precisam ser calmos, não podem transportar o animal de forma brusca para não estressá-lo.

No almoço, comemos mais uma vez no refeitório.

À tarde, entrevistei o gerente geral que me falou sobre a empresa e sobre ele. Em seguida, fomos até o *Centro de Pesquisa Mokiti Okada* que fica dentro da Korin e é responsável pelo desenvolvimento de pesquisa e tecnologia para a produção orgânica. Conheci todo o laboratório, as plantações e a criação de animais que eles têm para desenvolver os estudos.

No fim da tarde, acabamos as gravações, jantamos no refeitório e fomos levados até a rodoviária de Rio Claro para voltarmos para casa.

Dia 21 de setembro

Ecovila Clareando – Festa da Primavera

Dez dias depois fui à Festa da Primavera na Ecovila. O cinegrafista que me ajudou desta vez foi um estudante de jornalismo. Minha mãe nos levou de carro e passou o dia todo conosco.

Lá participei do dia de atividades com a comunidade. O dia amanheceu com o céu nublado, achamos que ia chover, mas fez calor até demais. Gravei a plantação no jardim comunitário da ecovila. A interação entre as pessoas, o contato com a terra. Entrevistei diversos moradores e conheci algumas casas.

Particpei do almoço da comunidade, cada um levou um prato diferente que foi colocado à mesa para que todos se servissem. Enquanto alguns se serviam ou comiam, outros tocavam e cantavam músicas na casa.

No fim do almoço, todos se reuniram em roda para fazer a dança circular. O Hiroshi, fundador da ecovila, explicou que toda comunidade faz a dança circular, ele disse que é uma atividade milenar que é para dar força e trazer um estado de comunhão entre as pessoas e êxtase individual. Particpei em parte da dança com eles.

No fim da tarde, conheci um bioconstrutor que estava construindo uma casa de terra e bambu. Fui convidada a conhecer a construção dele e ele me mostrou como era feita e explicou o objetivo de se fazer uma casa ecológica.

Com a missão cumprida e um dia de exaustão, nos despedimos e fomos embora.

4.2 ROTEIRO

“SUSTENTABILIDADE: a arte de resgatar o simples”

Thaís de Jesus Luquesi

1. EXT. ESTRADA PIRACAIA - DIA

Imagem da Rodovia em movimento, entrando na estrada de terra. (Câmera dentro do carro)

2.EXT. ECOVILA - DIA

Menina balança em um balanço pendurado em uma grande árvore.

3.EXT. ECOVILA. PRAÇA DA PAZ - DIA

Comunidade trabalhando na terra, plantando, colocando palha, cavando, jogando terra no jardim.

OFF Hiroshi

(engenheiro agrônomo e fundador da ecovila)

O mal do Planeta é o ser humano. E quem vai curar o planeta? Também é o ser humano. O mal do Planeta não é a baleia e nem o passarinho, o mal do planeta é o homem, então também no homem está a cura do planeta. (cont.)

4.EXT. ECOVILA. QUINTAL DA CASA COMUNITÁRIA – DIA

Hiroshi aparece sentado e continua a fala

HIROSHI

Então também no homem está a cura do planeta.

CORTA:

5.EXT. ESTRADA ATIBAIA – DIA

Imagem da rodovia em movimento, placa de Atibaia. (Câmera dentro do carro)

6.EXT. KORIN ATIBAIA – DIA

Entrada da empresa Korin, rua em movimento, árvores ao lado. (Câmera dentro do carro)

7.EXT. KORIN ATIBAIA – DIA

Portão da empresa abrindo, carro entrando. (Câmera dentro do carro)

8.EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO – DIA

Imagens da plantação de alfaces. OFF entra alguns segundo depois da imagem.

OFF Demattê
(gerente geral da Korin, veterinário e
zootecnista)
Nosso grande objetivo é que a gente consiga
estabelecer. (cont.)

TRANSIÇÃO: Imagem corta para Demattê que continua falando

9.EXT. KORIN. ENTREVISTA DEMATTÊ – DIA

Demattê sentado continua explicação.

DEMATTÊ
Modelos produtivos. (cont.)

TRANSIÇÃO: Corta para imagens de pessoas embalando produtos e Demattê continua falando

10. INT. KORIN. FÁBRICA EMBALAGENS – DIA

Mulher cortando couve-flor, mãos embalando vagem, embalagem saindo da máquina, mulheres colocando preço nas embalagens, mão pegando embalagem, funcionário empilhando caixas, outro funcionário transportando caixas. Enquanto as imagens passam, Demattê conclui a explicação.

OFF Demattê
Que resultem em alimentos que sejam saudáveis,
que verdadeiramente consigam contribuir com o
bem estar físico, mental e espiritual dos seres
humanos.

CORTA:

11. INT. ECOVILA. COZINHA DA CASA COMUNITÁRIA – DIA

Pessoas estão almoçando, se servindo da comida que está sobre a mesa, enquanto outros tocam e cantam música.

Música: As portas do meu coração estão abertas para ti.

12. EXT. ECOVILA. CASAS ECOLÓGICAS – DIA

Enquanto a música toca, eu entro nas casas, as portas são abertas pelos moradores que me convidam a entrar.

Imagens intercaladas das pessoas comendo na cozinha e das portas abrindo. Das pessoas entrando nas casas, da equipe sendo recepcionada pelos moradores da ecovila. Dos moradores de mãos dadas na cozinha em volta da mesa.

CORTA:

13. EXT. ESTRADA IPEÚNA – DIA

Imagem em movimento da estrada de Ipeúna, placa de Ipeúna.

14. INT. DENTRO CARRO – DIA

Dentro do carro Leikka conversa com o porteiro e se identifica para entrar na empresa.

LEIKKA
(veterinária)
Oi. 369.

PORTEIRO
Obrigado, Leikka.

LEIKKA
Obrigada.

15. EXT. ENTRADA KORIN IPEÚNA – DIA

Imagem do portão abrindo e o Sol grande em frente

16. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Leikka abre um portão de ferro.

17. INT. KORIN IPEÚNA. GRANJA – DIA

Imagens dos frangos no poleiro brincando em contato com a terra, correndo.

CORTA:

18. EXT. CASA CRIADORES DE FRANGO – DIA

Chegando à casa dos criadores de frango, cumprimentando dona Maria José.

19. INT. CASA CRIADOR FRANGO – DIA

Cumprimentando seu Cirineu, marido da dona Maria.

20. INT. CASA CRIADOR FRANGO – DIA

MARIA JOSÉ

(em pé na cozinha)

Vem visita de domingo e a gente faz frangos, eles
falam nossa que diferente parece frango caipira.

Eles também acham diferente.

No meio da fala dela aparece imagem do Cireneu andando no meio dos pintinhos na granja.

TRANSIÇÃO: IMAGEM DO SOL, EM SEGUIDA UM TRATOR NA TERRA

21. EXT. KORIN. ESTRADA DE TERRA – DIA

DEMATTE

(caminhando numa estradinha de terra)

A força, a energia do solo que é algo inerente ao
sistema natural e que deve ser sempre preservada.

22. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO - DIA

HIROSHI

(mostrando um pedaço de terra)

Por isso que a terra é sagrada. Da onde vem a comida que nós comemos? Da onde vem a casa que moramos? Para onde vamos depois que morremos?

CORTA:

23. INT. ECOVILA. CASA COMUNITÁRIA – NOITE

HIROSHI

(entrando na Casa Clara, a casa comunitária)

Essa é a casa comunitária, Casa Clara, bem vindos a essa casa.

(dentro da casa)

Tá acontecendo aqui uma reunião, o pessoal tá fazendo bolo, fazendo sopa.

Cont.

Pessoal cantando e tocando violão enquanto outros conversam e tomam café.

CORTA:

24. EXT. ECOVILA. QUINTAL CASA COMUNITÁRIA - DIA

HIROSHI

(sentado)

Vamos dizer assim, é um local onde vários sonhos se encontram. Um sonho de ar puro, outro sonha, assim, em plantar. O outro sonha em construir.

25. INT. ECOVILA. CASA COMUNITÁRIA – NOITE

GIULIANA CAPELLO

(jornalista)

É uma opção, uma alternativa para quem quer, ou na cidade, ou no campo, ter uma vida mais afinada com o que o Planeta pede para gente.

26. EXT. ECOVILA. QUINTAL CASA COMUNITÁRIA - DIA

HIROSHI

(sentado)

Quatro já moram e mais ou menos quinze construindo, ou prestes a acabar e tem sessenta associados.

27. INT. ECOVILA. CASA COMUNITÁRIA – NOITE

SÉRGIO

(morador ecovila)

Nós somos *urbanóides*, né? E a gente quer realmente ter essa vida em comunidade, num local que é natureza, que é de preservação de águas, preservação do meio ambiente né?

28. INT. ECOVILA. CASA COMUNITÁRIA – NOITE

MORADORA

Essa coisa da gente estar aqui todo mundo junto cantando, comendo, cozinhando, plantando né? Para mim foi o que me motivou. Aí depois vieram todas as questões ambientais que estão ligadas a nossa proposta, né?

29. EXT. ECOVILA. QUINTAL CASA COMUNITÁRIA - DIA

HIROSHI

(sentado)

Se tiver que existir um céu para mim é uma horta, é um jardim, uma horta. Para mim é assim, um paraíso para mim é feito de horta, de terra, sabe? Água, terra, produção. Assim, não é nem para mim, eu plantar, eu gosto de dar. Dar o repolho, dar a verdura, dar a flor. Porque eu acho assim, a terra é tão dadivosa que a própria palavra Deus vem de Dar.

CORTA:

30. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO – DIA

Imagem do produtor colhendo morangos.

31. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO – DIA

EVARISTO

(produtor de morango orgânico)

Eu trabalhava com tomate convencional, então já faz 17 anos que eu passei para a Agricultura Orgânica.

32. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO – DIA

Imagem da plantação de morangos

OFF Evaristo

Há uns 12 anos no convencional. Lá em Ipeúna, de um lado a gente produzia os tomates convencionais e do outro lado tinha a Korin, que trabalhava com Agricultura Orgânica. Os técnicos começaram a ir a nossa produção e começaram a testar alguns produtos e a mostrar para gente que a produção orgânica dava certo. Então a gente viu o melhoramento do solo, o solo ia ficando mais vivo, ao contrário do convencional.

33. EXT. KORIN ATIBAIA. CASA PRODUTOR – DIA

Imagem da família embalando e separando os morangos na mesa.

ROSIMEIRE

(produtora de morango orgânico)

Porque aqui sempre foi orgânico, né? Mas onde eu morava era convencional, era tudo à base do veneno, né? Era muita doença, a gente estava sempre no hospital. E depois que nós começamos a trabalhar com orgânico não temos problema nenhum de saúde. Meu filho está aqui, olha, fortão já com 13 anos. Graças a Deus.

34. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO – DIA

Imagens da plantação de morangos intercaladas com as imagens dele, falando em frente à plantação

EVARISTO

A terra é como se fosse uma mãe. A gente tem que cuidar dela para depois colher os frutos. Então, se o solo tiver vivo, a gente vai ter uma boa colheita. Então, o nosso trabalho hoje é em função do solo. E através desse sentimento que você coloca na planta, quando você colhe esse fruto e manda para o mercado, quem está se alimentando daquele produto também está passando esse sentimento para aquelas pessoas que está consumindo esse produto no final.

35. EXT. KORIN ATIBAIA – DIA

ISAMU

Ele ao cuidar do solo, ele já está colocando nele um sentimento de respeito à natureza, de respeito ao meio ambiente, e ele produzindo algo orgânico e sem veneno que vai gerar saúde para as outras pessoas, está indo um sentimento altruísta de levar saúde à sociedade.

CORTA:

36. INT. ECOVILA. CASA HIROSHI – DIA

HIROSHI

Hoje eu chamo que as ecovilas são uma oitava acima das comunidades alternativas do passado. Ela fica no meio do caminho entre um condomínio fechado e uma comunidade hippie. Porque um condomínio fechado, o nome já diz, né? Na natureza tudo que fecha vira câncer, na natureza tudo respira entre si. Então a ecovila também ela não pode ser fechada.

CORTA:

37. EXT. KORIN. QUINTAL CRIADOR DE FRANGO – DIA

Imagem da produção caminhando para entrar na casa

38. INT. KORIN. COZINHA CRIADOR DE FRANGO – DIA

Imagem equipe dentro da casa

MARIA JOSÉ

(criadora de frango orgânico)

Senta gente, vou pôr um café no fogo para gente.

Imagem da dona Maria coando o café. Em seguida todos caminham para a sala da casa.

MARIA JOSÉ

(criadora de frango orgânico)

Esta casa é a casa que a gente está. (ela aponta para um quadro na parede) Não tinha uma árvore, não tinha nada. Aí nós formamos tudo isso aqui. Tá vendo a cerca aqui? Nós fizemos essa granja nova, nós aumentamos a do meio, nós reformamos a casa, nós plantamos o eucalipto, o pomar.

CORTA:

39. INT. KORIN. GRANJA – DIA

Imagem dos frangos na granja.

40. INT. KORIN. GRANJA – DIA

LEIKKA

(veterinária)

Nós temos a criação do frango orgânico. O grande diferencial é a ração. Todos os ingredientes, o milho, a soja são certificados orgânicos. Nessa ração, também, não utilizados ingredientes de origem animal e nem antibióticos.

CORTA:

41. INT. KORIN. COZINHA CRIADOR DE FRANGO – DIA

CIRINEU

(criador de frango orgânico)

Por ser um frango natural, é mais fácil de pegar doença. Então a gente tem que ficar mais em cima dele.

42. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

DEMATTÊ

O que se busca fazer dentro desses conceitos todos que nós trabalhamos é que o trabalho seja digno, que a condição do produtor, dessa família que está no campo, ela consiga ter uma vida digna, interessante, rica.

43. INT. KORIN. SALA CRIADOR DE FRANGO – DIA

MARIA JOSÉ

Andar no rio, ir à praia. Nós voltamos de uma viagem na semana passada, a gente foi para Caldas Novas, em Goiás. Mas sempre com a família junto. Dessa vez a gente foi só nós dois, não nos sentimos bem. A gente gosta de levar os filhos, os netos, tudo junto, a nora...

44. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

DEMATTÊ

Que seja uma pessoa que consiga, por exemplo, ir ao cinema, ir ao teatro, que consiga desfrutar de todos os benefícios sociais que a civilização vem construindo.

45. INT. KORIN. COZINHA CRIADOR DE FRANGO – DIA

No meio da fala dela aparecem imagens do marido andando na granja.

MARIA JOSÉ

Desde quando a gente começou a criar frango a rotina da família, a questão financeira nossa foi melhorando aos poucos e agora está muito boa. E o melhor de tudo, nós também estamos comendo um frango de mais saudável.

46. INT. KORIN. GRANJA – DIA

LEIKKA

Elas serão abatidas depois para servir como alimento, que é uma função nobre, é uma missão muito nobre do frango.

47. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

DEMATTE

É importante que esse nosso produtor ele consiga compreender que aquilo que ele está fazendo tem de maneira pragmática resultado na vida de uma pessoa que está em São Paulo, que está num grande centro urbano. Essa condição dele compreender isso, dele se sentir útil nesse nível, faz com que ele se sinta integrante de um processo de construção de uma sociedade melhor.

CORTA:

48. EXT. ECOVILA – DIA

Imagem de moradores andando em direção a casa deles.

49. INT. ECOVILA. CASA GIULIANA – DIA

Imagens da casa, intercaladas com imagens do casal falando.

GIULIANA

(jornalista, moradora da ecovila)

Até o começo do século passado era tudo pau-a-pique, tudo terra. Aí, no começo do século XX que começou a ter uma produção de café muito grande. E onde é que você seca o café? É naqueles terrenos que não pode pegar umidade. Então o pessoal começou a construir tijolos de barro e multiplicou-se no estado uma série de olarias para fabricar tijolo para secar o café. Depois quando a produção de café teve uma baixa, aquela indústria que tinha sido criada para produzir tijolo falou assim: e agora, o que nós vamos fazer com isso? Aí, começaram a fazer uma super campanha contra a

construção de terra, de barro. Eu era coisa de pobre para vender o tijolo.

50. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Hiroshi vai mostrando os materiais

HIROSHI

Essa casa aqui vai ser uma casa cimento zero. Vai ter 20% disso aqui, esterco de vaca, e 95% da casa vai isso aqui, terra.

51. EXT. ECOVILA – DIA

Bruno caminhando pela ecovila

52. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Bruno vai mostrando as paredes

BRUNO

(bioconstrutor)

Parede já pronta praticamente. Aí é o tijolo de adobe assentado com terra e esterco.

53. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Hiroshi vai mostrando os materiais

HIROSHI

Por isso que a vaca é sagrada na Índia, não é só por causa do leite, também por causa disso (mostra o esterco) e também por causa da urina, a urina eles usam como inseticida biológico. As pessoas não sabem porque não é bom divulgar as coisas que é de graça. É muito eficiente, mas “xiu”, ninguém vai pagar por isso.

54. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Bruno vai mostrando as paredes

BRUNO

(bioconstrutor)

Dá para você ver o quanto é forte. Muito mais resistente do que bloco, tijolo. O tijolo você bate e ele quebra porque ele quebra, porque é oco. Esse aqui não, é uma parede muito forte. E ela é toda orgânica. Então, essa é a idéia, da casa viva, né?

55. EXT. ECOVILA. CASA GIULIANA POR FORA – DIA

Imagem da casa por fora no alto do morro.

56. INT. ECOVILA. CASA GIULIANA – DIA

Imagens da casa, intercaladas com imagens do casal falando.

GIULIANA

Ela é muito mais saudável, são paredes que respiram, então o ar de fora, ele entra devagarzinho para casa e sai. Há uma troca de ar.

EDILSON

(jornalista, moradora da ecovila)

Aí você pinta com tinta látex, que é tinta tóxica, e você fica respirando um ar tóxico o resto da vida, porque ele não é trocado com o exterior.

57. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Bruno vai mostrando os materiais

BRUNO

(bioconstrutor)

A gente tenta usar os recursos mais acessíveis que tem no local. O que, que tem? Terra, bambu, eucalipto. Então, é isso que a gente tem na mão? Beleza. Esse bambu tem uma floresta aqui, é a cana da índia, um bambu usado bastante para artesanato, dá pouco bicho, né?

58. EXT. ECOVILA. CASA ECOLÓGICA – DIA

Imagem da casa ecológica vista de fora.

59. INT. ECOVILA. CASA ECOLÓGICA – DIA

Imagem da Suzy falando intercalada com imagens da casa por dentro e por fora.

SUZY

(advogada e moradora da ecovila)

As coisas que não tinha aqui na região, a gente trouxe de fora, o mais próximo que dava, sempre ligando para os ministérios públicos, para os fóruns de justiça, para saber se as empresas produtoras tinham algum processo trabalhista, algum processo com trabalho infantil. Então, nós tomamos esses cuidados.

60. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

Bioconstrutor colocando os bambus nas paredes

BRUNO

(bioconstrutor)

Tá vendo que é na pressão mesmo, né? Uma para um lado, outra para o outro. O trabalho é esse, é de paciência, de arte. Você não está fazendo uma coisa para você acabar logo, para você ganhar dinheiro. É a arte, o tempo é arte, né? O que me fez virar um bioconstrutor foi a maneira como se trabalha, você em contato total com a natureza.

61. EXT. ECOVILA. CASA EM CONSTRUÇÃO – DIA

HIROSHI

Aqui para mim é um desafio para mostrar para as pessoas que é possível porque nossos antepassados faziam. Se eles faziam porque nós não podemos fazer? Então aqui é uma demonstração dessa possibilidade.

CORTA:

62. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Demattê caminhando numa estradinha de terra, dentro da propriedade.

DEMATTÊ

Os alimentos produzidos sob as condições convencional, de como a agricultura em geral se desenvolveu, são nocivos à saúde humana. Saúde nesse caso entendida de maneira bastante ampla, envolvendo aspectos físicos, mentais e os aspectos espirituais do homem, né? Outro aspecto ligado à Agricultura Natural é que todo trabalho que se faça se baseie nos princípios da natureza.

CORTA:

63. EXT. KORIN ATIBAIA – DIA

Isamu caminhando no meio da plantação de alface.

64. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO ALFACE – DIA

Isamu agachado na plantação de alface.

ISAMU

No orgânico, ele tem duas a três vezes mais de nutrientes e, às vezes, dependendo do mineral, até dez vezes mais.

65. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO MORANGO – DIA

Produtor em frente à plantação.

EVARISTO

Na hora, o produto químico não aparece, mas depois, com o passar do tempo, vai se agravando e o organismo nosso vai enfraquecendo e começa a aparecer.

66. INT. KORIN IPEÚNA. CENTRO DE PESQUISA – DIA

Imagem do Sérgio falando intercalando com imagens do Centro de Pesquisa

SÉRGIO

(pesquisador do Centro de
Pesquisa Mokiti Okada)

Eles vão para rios, para nascentes, né? E são substâncias que não são filtradas no processo de tratamento de água. Então elas vão para as torneiras. Por exemplo, em mulher pode causar câncer de mama, câncer de útero.

67. EXT. KORIN ATIBAIA. PLANTAÇÃO MORANGO – DIA

Produtor em frente à plantação.

EVARISTO

Tive problema de saúde com a parte química. A gente aplicava produto químico, às vezes, sem camisa. E teve dias que a dosagem era muito alta. A gente intoxicou, foi para o médico. Teve várias conseqüências.

68. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Imagens dele falando intercaladas com imagens das abelhas nas flores.

DEMATTE

O uso excessivo de agrotóxicos, que são basicamente inseticidas. Aqui, na realidade, se nós estivéssemos usando, nós estaríamos matando as abelhas. E isso é um problema que vem acontecendo no mundo, que é o problema do desaparecimento das abelhas. Se não existir as abelhas, é necessário fazer a polinização manualmente. O que é muito mais trabalhoso e o resultado é muito pior do que quando existem as abelhas.

69. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

SÉRGIO

(pesquisador do Centro de
Pesquisa Mokiti Okada)

Atualmente já é encontrado resíduo de agrotóxicos em gordura de urso no pólo norte e em outros animais em locais ermos. Então, os resíduos eles caem no mar e andam pelas correntes marítimas e

se espalham pelo mundo todo. Então, não é só a questão do alimento ter ou não ter o resíduo do agrotóxico, mas o fato de que ele ser produzido de uma forma mais natural faz com que ele tenha uma energia maior, uma energia vital. E faz com que esse alimento, uma vez ingerido pelo organismo, transfira essa energia para o seu corpo e o seu corpo ganha mais resistência, mais tolerância a esses agentes contaminantes. Isso é o fundamental de um alimento produzido de uma forma mais ecológica.

70. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Imagens do Demattê falando intercaladas com imagens dos produtos orgânicos

DEMATTÊ

Para a pessoa comprar um produto orgânico ela precisa superar algumas barreiras. A primeira barreira é o preço.

71. INT. ECOVILA. CASA GIULIANA – DIA

GIULIANA

Quando você fala que alimento orgânico é caro. Não é caro, o outro é que é falsamente barato. Porque você não tem ali o custo da terra que você está degradando, da química que você está levando, da saúde daquela pessoa que vai comer aquele alimento e depois vai gastar com remédio. A gente pensa que ele é barato porque a gente vê só o curtíssimo prazo.

72. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Imagens do Demattê falando intercaladas com imagens dos produtos orgânicos

DEMATTÊ

Comprar um alimento orgânico, de fato, é contribuir com o meio ambiente. Será que todas as pessoas sabem disso?

73. INT. ECOVILA. CASA GIULIANA – DIA

Imagens da Giuliana falando intercaladas com as casas e construções da ecovila.

GIULIANA

Se a gente for considerar a cadeia de produção de cada material, essa casa é muito mais barata. E não só é mais barata, como ela é eticamente melhor. A outra não tem como continuar, a gente não pode mais construir assim. Construção civil é um dos setores que mais polui o meio ambiente. Ele consome sozinho 40% de toda a energia do planeta, 40% da água do planeta, 40% dos materiais do planeta. E emite 5% de todo gás carbônico que vai para a atmosfera, 5% não, 5% são só as cimenteiras. Então assim, é um setor que, ou muda, ou a gente não vai mais ter tempo de mudar de transformar sabe. A gente precisa olhar para o custo real. Quanto é que custa fabricar um saco de cimento de custa de 18 reais? Qual o custo embutido disso? A areia e as pedras vêm cada vez mais longe dos grandes centros urbanos, porque a gente já usou tudo que tava mais perto. Então tem um custo de transporte que não é considerado. Quando eu olho, eu fico tranqüila de dizer que essa casa, pela forma como ela foi construída, pelos materiais que a gente escolheu, ela pode até ter sido um pouco mais cara nesse começo para mim e para o Edilson nesse primeiro momento, mas para o planeta ela é baratíssima.

74. EXT. KORIN IPEÚNA – DIA

Imagens do Demattê falando intercaladas com imagens dos produtos orgânicos

DEMATTÊ

Se ela não tiver conhecimento de todos esses diferenciais, ela fala: para que eu vou pagar mais caro? Ela não vai. Ela só vai fazer isso, na medida em que, ela compreender tudo o que está relacionado a isso. E que ela passe a fazer essa conta, esse equilíbrio entre a sua saúde, a saúde da sua família. Então, quanto custa para nós a nossa saúde?

CORTA:

75. INT. ECOVILA. CASA HIROSHI – DIA

Imagens do Hiroshi falando intercaladas com imagens da casa dele

HIROSHI

Nós temos quatro peles, a primeira pele é biológica, a segunda pele é a roupa. Então, a minha roupa eu compro aqui em Piracaia, outros compram num shopping ou tem marca. Custa caro, né? Essa é a segunda pele, então isso que você me perguntou, quanto custa para se vestir, para mim é baratinho. Para outros talvez não seja, eu não posso opinar na roupa que a pessoa vai usar. A terceira pele é a casa. Minha casa é essa aí de barro, a minha tinta é de terra, não comprei, meus móveis alguns eu que faço, esse sofá é usado, para mim está bom. Então isso é individual, você não forçar uma pessoa a ser com você. Cada um tem o seu momento. Então como para mim isso não é importante, para mim qualquer coisa é bom, então é barato.

CORTA:

76. EXT. ECOVILA. PRAÇA COMUNITÁRIA – DIA

SYLVIA

Com essa mudança e a vida em comunidade a gente vai conseguir mostrar e viver um mundo melhor. Mesmo que esse mundo seja um pequeno mundo. Porque ninguém mais vai viver sozinho. Não existe mais lugar para monocultura, cultura extensiva. Alimento vai faltar. Poluição, se a gente continuar desse jeito, a gente não vai ter água daqui para frente. Então, o mundo está pedindo pelo amor de Deus.

77. INT. ECOVILA. CASA HIROSHI – DIA

HIROSHI

É muito simples, só que nós humanidade perdemos o olhar do simples. Nós só entendemos o complicado agora. Se você apresenta uma solução simples, eles não acreditam, porque o olhar humano moderno, não consegue mais ver o simples. Por isso, para a pessoa entender isso, tem que voltar a ser simples.

78. INT. ECOVILA. CASA COMUNITÁRIA – NOITE

Todos cantam e tocam violão até o final. Imagens que representam todo o documentário vão aparecendo enquanto a música toca.

FIM

4.3. SUPERAÇÕES

Falo de superações porque este trabalho só foi possível porque consegui superar muitos problemas. Tive muita dificuldade em organizar a logística das gravações e conciliar as minhas possibilidades financeiras (não consegui nenhum patrocínio) e o tempo curto, já que fazia estágio.

Uma semana antes de começar a gravar o documentário estava marcado com um cinegrafista profissional que iria me levar de carro até as cidades e eu tinha pedido uma semana de dispensa no estágio. A três dias das gravações, com câmera e equipamentos emprestados, microfone alugado, visitas agendadas, o cinegrafista teve um problema e precisou desmarcar comigo.

Tive que devolver a câmera e os equipamentos e desmarcar com todas as pessoas que tinha combinado. Na semana seguinte consegui outro cinegrafista também profissional, remarquei então todas as entrevistas novamente e reservei os equipamentos. No dia seguinte ele me avisou que não ia mais tirar férias e que não poderia me acompanhar. Fui obrigada a desmarcar novamente com as pessoas.

Tentei achar alguém para gravar, falei com amigos e não consegui ninguém. Além disso, eu precisava de um carro para me levar até os locais. Passei mais de uma semana tentando organizar tudo novamente. Foi quando consegui dois alunos de Rádio e TV do 2º ano da UNESP para gravarem para mim. Como eles não poderiam se ausentar por uma semana, dividi as gravações e fiz da forma que foi possível. Para isso, tive a colaboração da minha família, do meu namorado, de amigos, tudo para que fossem possíveis as gravações.

Além disso, consegui combinar a estadia com a empresa em Ipeúna e eles se disponibilizaram a nos buscar em Rio Claro, pois ficaria financeiramente inviável ficar em Hotel e se locomover de táxi. Para ir à Atibaia contei com a colaboração da minha tia que faltou no trabalho e da minha mãe que nos levou no domingo em Piracaia, na Ecovila.

Foi uma verdadeira prova de superação, em vários momentos achei que não seria possível desenvolver o trabalho, mas com muita dedicação e força de vontade, consegui driblar os obstáculos.

5. O PRODUTO

O documentário tem 25 minutos, tempo que considerei ideal para condensar o assunto sem ficar cansativo. Mais que isso, se tornaria extenso, menos que isso, não daria conta de todo o conteúdo, já que foi bem difícil reduzir 11 horas de fita para esse tempo. O vídeo não tem narração, o material era extenso e rico e, por isso, dava conta de se apresentar e se explicar por si só.

Não foi inserida trilha sonora no documentário, a intenção era deixar o produto se explicar por si só, sem acréscimos ou interferências de sons ou efeitos externos que não fossem deles ou do local. Tentei colocar uma vinheta de passagem entre os cortes de um lugar para outro, mas achei que destoou da linguagem do documentário. Procurei deixá-lo o mais simples possível, sem muitos efeitos de edição.

As imagens foram capturadas com duas câmeras diferentes, uma Panasonic MiniDv e uma Canon t2i que grava em *Full HD*. Além disso, o documentário foi gravado em dias e horários diferentes, por pessoas diferentes – nenhuma delas profissionais, o que acabou deixando o documentário com uma diferença considerável na qualidade das imagens. Portanto, houve um pequeno tratamento de imagem para amenizar diferenças de cor e qualidade.

O som foi capturado parte com um microfone direcional, parte com a captura apenas da câmera. Em alguns lugares não tinha pessoas suficientes para gravar e segurar o *boom* e, em partes, achamos melhor sem o *boom* para conseguir chegar gravando, para tentar não combinar nada antes e não alterar o comportamento das pessoas (isso foi feito na casa dos criadores de frango, em Corumbataí, os cinegrafistas desceram do carro já gravando com as duas câmeras para pegar várias imagens espontâneas das pessoas e das conversas). Essa diferença na captura de som também deixou o vídeo com algumas diferenças de áudio.

O roteiro foi terminado depois da decupagem das fitas, foram selecionadas cenas para dar coesão ao trabalho e muita coisa foi deixada de lado. O essencial era mostrar as ações sustentáveis e sua importância, durante a edição algumas cenas foram alteradas. Com tanto material, existe a intenção de se fazer outros trabalhos que foquem em alguns temas.

6. CRONOGRAMA

Etapas	2010						
	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1. Levantamento bibliográfico	X						
2. Leitura e fichamento da bibliografia	X	X					
3. Organização da base teórica		X					
4. Gravações				X	X		
5. Digitalização, decupagem e roteiro					X	X	
6. Edição						X	X
8. Elaboração da arte						X	X
9. Relatório					X	X	X
10. Apresentação do projeto experimental							X

7. INVESTIMENTO

Especificação	Custo
Computador	R\$ 1.200,00
Câmera Filmadora	Emprestada da faculdade
Aluguel Microfone	R\$ 200,00
Viagens e Alimentação	R\$ 700,00
Gastos com telefone	R\$ 200,00
DVDs	R\$ 150,00
Total	R\$ 2.450,00

8. FICHA TÉCNICA

SUSTENTABILIDADE:
a arte de resgatar o simples

SISTEMA DE GRAVACÃO

Mini DV e Câmera Digital

DURACÃO

25 minutos

ANO

2010

DIREÇÃO, PRODUÇÃO, PESQUISA, ROTEIRO E EDIÇÃO

Thaís de Jesus Luquesi

PÚBLICO ALVO

Pessoas interessadas em sustentabilidade e meio ambiente e público em geral

OBJETIVOS

Apresentar ações sustentáveis praticadas no Estado de São Paulo e que estão dando certo. Mostrar que a sustentabilidade está além do cuidado com o meio ambiente e tem haver também com a relação entre as pessoas e a forma como elas interagem com o seu meio. Vai mostrar também que alimentação saudável é um dos requisitos básicos para a sustentabilidade.

SINOPSE

A sustentabilidade é uma prática diária que pode ser incorporada, de forma simples, à ação de muitas pessoas. Nesse documentário você vai conhecer pessoas no estado de São Paulo que mudaram suas vidas por outro modelo de sociedade. São pessoas comuns, como você, que tiveram um despertar para vida, pensando no hoje e sempre como uma coisa só. Você vai descobrir o que é o movimento de ecovilas e vai se encantar com uma delas, a Clareando, em Piracaia. Vai descobrir de perto como funciona o mundo dos alimentos naturais e orgânicos. A forma mais simples das coisas é a mais grandiosa e importante para essas pessoas e para a humanidade. Voltar a olhar para si, para o próximo e para o meio em que vive com amor e respeito é o princípio de uma vida alinhada às leis da natureza. Tudo isso, para construir um mundo melhor.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com muito prazer que chego a esta etapa. Foram meses de trabalho, dedicação, gastos e recompensas. Meu documentário é o retrato daquilo que sempre quis praticar, entender e assistir. Tentei, nos limites das minhas possibilidades, transmitir os meus anseios por um mundo melhor.

O trabalho foi resultado também da confiança que a empresa *Korin* e a comunidade *Clareando* tiveram em minha proposta. Foi muito bom poder conhecer pessoas tão receptivas e dispostas a colaborar.

Muitos foram os “perrengues”, mas o fim me é gratificante. Agradeço, aqui, mais uma vez a todos que participaram direta e indiretamente, como aqueles que filmaram, dirigiram o carro, nos alimentaram e, por fim, dedicaram seu tempo para a conclusão deste trabalho.

Espero que eu consiga produzir ainda mais coisas com as 11 horas de gravações que tenho. O que assistirão em *Sustentabilidade* é só um recorte e uma introdução essencial das inúmeras cenas que presenciei e, sei que ainda há muito o que se falar desse assunto.

Saio desse documentário mais madura. Aprendi muito com o tema abordado e fui mudada positivamente. É nesse aspecto que se dá minha paixão pelo jornalismo, a possibilidade de promover a mudança. Por isso, desejo que este presente produto modifique também aqueles que o assistirem.

10. REFERÊNCIAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

LABAKI, Amir. **Introdução ao Documentário Brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal o que é Documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

MARTIN, Marcel. **Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo: Summus, 2004.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAVALCANTI, Alberto. **O filme documentário**. In: Filme e Realidade. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957.

DA-RIN, Silvio. **Auto-reflexividade no documentário**. In: Revista Cinemais, no. 8, set./out. 1997.

LABAKI, Amir. **É tudo verdade: reflexões sobre a cultura do documentário**. São Paulo: Francis, 2005.

LEGAN, Lucy. **Soluções Sustentáveis Permacultura - Na Agricultura**. Editora Mais Calango. 2ª Edição – 2007.

LEGAN, Lucy. **Soluções Sustentáveis - Uso da Água na Permacultura**. Mais Calango, 2007.

LEGAN, Lucy. **Soluções Sustentáveis - Permacultura Urbana**. Mais Calango, 2007.

FUKUOKA, Massanobu. **Agricultura Natural - Teoria e Prática da Filosofia Verde**. Nobel.

EHLERS, Eduardo / Ehlers, E. **O Que é Agricultura Sustentável**. Editora: Brasiliense, 2009.

PRIMAVESI, Ana. **Agricultura Sustentável**. Nobel, 1992.

HOLMGREN, David. **Permaculture**. Chelsea Green, 2002.

OKADA, Mokiti. **Alicerce do Paraíso**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2003. vol. 5.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724**: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

Direitos Humanos na Internet. **Declaração de Estocolmo sobre o meio ambiente humano – 1972**.

Disponível em: < <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/doc/estoc72.htm> > Acesso em 03 nov. 2010.

Filmografia

COUTINHO, Eduardo. **Jogo de cena**. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002.

COUTINHO, Eduardo. **Boca de Lixo**. Rio de Janeiro, 1992.

MOORE, Michael. **Fahrenheit: 11 de setembro**. Barueri, SP: Europa Filmes, 2004.

FURTADO, Jorge. **Ilha das Flores**. Porto Alegre: Casa de Cinema, 1989.

PADILHA, José. **Ônibus 174**. Rio de Janeiro, 2002.